

Identidade Feminina na Assembléia de Deus

Célia Santana Silva*

A identidade feminina, construída no plano religioso articula-se com sistemas de representações e valores no plano moral, social e político. O discurso pentecostal dentro da Assembléia de Deus encerra algo mais do que conservadorismo, hierarquização, patriarcalismo e definições de papéis sociais para homens e mulheres. Sugere um paradoxo entre emancipação feminina e reforço do lugar tradicionalmente ocupado pela mulher na comunidade religiosa.

É relevante para essa discussão a perspectiva de Burity (1998) quando nos convida para que adaptemos “um novo olhar sobre a religião”, às mudanças que estas novas experiências propiciam em termos de capacidade de gerar embriões de uma religiosidade que ultrapassa as esferas delimitadas de acordo com o processo moderno de secularização.

Este “novo olhar” não exclui os olhares anteriores, mas enfoca a atualidade da religião como forma de pensar o mundo contemporâneo nas suas relações com o projeto secular, onde as coisas estão se diferenciando. Muitas são as reflexões acerca do que já se chama de “pentecostalização do campo religioso brasileiro que ultrapassa os limites de uma racionalidade estabelecida” (Velho, 1998:63). Trata-se nessa abordagem de apreender uma “pentecostalização” na perspectiva de uma “destradicionalização, como a ênfase no presente, nas diferenças, na experimentação, no indivíduo e na ruptura com a noção de representações” (Velho, 1997:55).

Queremos deixar claro que a religião passa a ser reconhecida pelos estudiosos do fenômeno religioso como fator relevante da manutenção social e política que está rapidamente mudando o rosto do mundo contemporâneo (Martelli,1995). Mesmo que esse autor não enfoca sua discussão no Brasil, tomamos emprestada sua afirmação, para caracterizar a autonomia do Petencostalismo no Brasil, que nesse texto que é focado como um corpo, que agrega pessoas, definindo sua forma de atuação.

A partir da racionalidade que Weber apresenta na “Ética Protestante e Espírito do Capitalismo”, já tinha identificado na origem do capitalismo e que consiste na ordenação dos atos em função dos objetivos, podemos perceber que o desencantamento do mundo atinge os indivíduos em sua essência, fazendo-os perceber que a realidade não encerra mais mistérios, esta prometida ao homem (Gomes, 1992). Ora, se a racionalidade quebra o encanto, o mistério, a magia do mundo, o desencantamento é o resultado. Assim, o retorno, o reencantamento do mundo traduz a crise da época técnico-científica-moderna.

A ciência, e o correspondente espírito de domínio sobre a natureza e a criação das coisas, estão determinando um fracionamento do homem, uma fragmentação do ser humano, reduzido a competência parcial do seu ofício, obrigando assim a ficar à margem da função global do mundo, a renunciar ao prazer em benefício do rendimento, tingindo o indivíduo em sua essência.

Momento propício para o discurso pentecostal, quando o religioso propõe vencer a “luta” e é aceito pelas figuras femininas, que utilizando-se de estratégias e táticas, (re)apropriam-se do discurso pronunciado em espaços múltiplos de exercício de poder, até aqui abalado pela instabilidade do lugar social, “perda de um sentido de si” (Hall, 1992:09), e (re)elaboram sua identidade, evitando assim esse desenraizamento que ataca as imagens estáveis do mundo, os filtros que permitem um indivíduo sentir-se à vontade sem sua própria câs (Pace, 1997).

Esse parece-nos ideal para investigar e analisar a identidade, entendida aqui como categoria que define a forma como os indivíduos se inserem na sociedade e como eles agem,

para trilhar com as mulheres pentecostais o seu Buscando pertencer. Essa busca a um local de pertencer não significa dizer que essas mulheres não pertenciam antes, mas que esse pertencimento lhe dará certa segurança, um espaço para reafirmar sua identidade perante um grupo de iguais.

Diane dessa discussão, é oportuno trazer à baila um termo um pouco desconcertante, mas que figura nas Ciências humanas de maneira insistente e dúbio. Trata-se do conceito de “globalização enquanto processo de decomposição e recomposição da identidade individual e coletiva que fragiliza os limites simbólicos dos sistemas de crenças e pertencimento” (Pace, 1997:32). A inserção desse conceito no texto é oportuna para trazer à tona a religião como constitutiva de sistemas de comunicação que permitem aos indivíduos reduzir a complexidade da situação em que vivem aqui e agora e, ao mesmo tempo, imaginar o “mundo” unificado por problemas comuns que interessam a toda espécie humana. Em suma “ a religião ajuda a constituir sistemas simbólicos capazes de por em relação a realidade local com a perspectiva global” (Pace, 1997:34).

Oportuno captar o que se oculta atrás do afastamento do indivíduo moderno das religiões institucionais, sejam as grandes igrejas históricas, sejam os sistemas de crença que desconhecem uma organização eclesial consolidada. Nessa perspectiva de análise, o pentecostalismo, especificamente a Assembléia de Deus, assumida do ponto de vista do indivíduo moderno, transforma-se para esses indivíduos um fonte de imaginação simbólica e ganha uma nova visibilidade, sem pudores e ocultações de pregar o evangelho em público, levar a mensagem do Espírito Santo onde quer que ele vá, fazer a leitura da Bíblia cotidianamente.

A religião- o pentecostalismo- ajuda o indivíduo a imaginar unido o que na realidade está dividido, diferenciado, às vezes em conflito.

Para precisarmos em período histórico a mudança de enfoque do pentecostalismo como propulsor de uma nova perspectiva para discutir as relações de gênero, diríamos que surge aproximadamente no final dos anos 80, quando uma linguagem acadêmica traz à tona discussões em torno da competição religiosa em nosso país.

Para precisarmos em período histórico a mudança de enfoque do pentecostalismo como propulsor de uma nova perspectiva para discutir as relações de gênero, diríamos que surge aproximadamente no final dos anos 80, quando uma linguagem acadêmica traz à tona discussões em torno da competição religiosa em nosso país.

Para precisarmos em período histórico a mudança de enfoque do pentecostalismo como propulsor de uma nova perspectiva para discutir as relações de gênero, diríamos que surge aproximadamente no final dos anos 80, quando uma linguagem acadêmica traz à tona discussões em torno da competição religiosa em nosso país.

Aqui pastores, ministros e profetas, “herdeiros do princípio do sacerdócio universal, através do qual cada adepto é um pastor em potencial” (Fernandes, 1998:8), promovem uma espécie de duelo espontâneo no qual grupos adventista, testemunhas de Jeová, espíritas, católicos da linha carismática e representantes de religião sem tanta tradição, realizam um duelo discursivo que tem por objetivo provar que o Deus de cada credo é o mais verdadeiro.

É a partir dessa diferenciação, onde a identidade religiosa não só se sobrepõe a, mas acrescenta e revela a identidade feminina, que encontramos o diferente.

De acordo com algumas mulheres entrevistadas numa pesquisa realizada em Recife/Pe, entre os anos de 2000 e 2001, em dois bairros de condições econômicas diferenciadas; um bairro de classe média alta e outro um bairro popular, essa condição vivenciadas por elas se traduz na afirmação de viver nesta angustiada condição de “estar no mundo e não ser mundana.” Percebe-se que a transformação ocorrida na sociedade faz entrever questões que dizem respeito não só às estratégias das religiões para adesão às suas doutrinas, mas também à mediação feminina no campo religioso, bem como aos efeitos

diferenciados que a conversão ao pentecostalismo produz na vida familiar, não só em sua casa (espaço privado), mas também nas suas relações com a vizinhança e a comunidade de fé.

Nessa análise, buscamos estabelecer conexões, tanto do alcance, como da compreensão desse sujeito-Pentecostalismo-, enquanto elemento da identidade, bem como sua contribuição dada a à auto-estima, liberdade e recuperação do reconhecimento social do feminino, tomando como referência a Assembléia de Deus.

Nessa análise, buscamos estabelecer conexões, tanto do alcance, como da compreensão desse sujeito-Pentecostalismo-, enquanto elemento da identidade, bem como sua contribuição dada a à auto-estima, liberdade e recuperação do reconhecimento social do feminino, tomando como referência a Assembléia de Deus.

Agora, ela tem como função essencial ajudar o marido e filhos a resolverem, por intermédio da atividade religiosa que exerce, os problemas que os afligem. O poder de resolução é ela que detém, significando uma mudança real no lugar dessas mulheres dentro da família. Essa função permite também a reelaboração da identidade feminina a partir do grupo pentecostal do qual faz parte. Essa seria uma das contribuições do pentecostalismo na construção de um novo sujeito feminino.

A (re)elaboração da identidade da mulher pentecostal após seu ingresso à Assembléia de Deus, seria em princípio, uma contradição específica, local e limitada, num território tradicional do pentecostalismo, se converte em uma forma original e abrangente de focalizar, de modo recente, a relação entre religiosidade e relações de gênero.

Investigando as modalidades de conversão religiosa de homens e mulheres e o seu impacto na vida familiar, Machado (1996:117) descreve o modo pelo qual a adesão o revivalismo religioso no pentecostalismo traz conseqüências para as relações de família. Um dos objetivos é perceber as mudanças na redefinição dos papéis de gênero e do surgimento de novos arranjos familiares.

O ponto mais interessante de sua análise é a relação entre religião, gênero e família, pois é através da família que a religião transmite as suas mensagens, podendo mesmo modificá-la. É justamente neste estreito relacionamento entre religião e família que a autora desenvolve suas hipóteses. O pentecostalismo, analisado a partir de várias denominações com Assembléia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus e outras, é descrito como mais propenso “à criação de um sistema de gênero alternativo ao modelo hegemônico na cultura latino-americana” (Idem:119).

John Burdick, também estudioso de movimentos sociais, religião e política brasileira, tenta explicar em “Procurando Deus no Brasil” (1998), que a perda de terreno da Igreja Católica em número de fiéis é significativa e isso se dá à distância entre ao discurso religiosos e a prática católica, e indaga o que o pentecostalismo significa e oferece às massas do Brasil o que a igreja do povo (CEBs) não oferece.

Ao analisar as mulheres e os conflitos domésticos na arena religiosa, Burdick se aproxima da visão de Machado (1997), pois localiza o debate no bojo das contradições mais abrangentes das relações de poder, defendendo que a conversão da mulher transforma-se numa reação ante o sofrimento material e afetivo, constituindo-se assim a um nova fonte de poder.

Ao ressaltar que a participação das mulheres na arena religiosa ajuda a construir suas identidades, Burdick contribui para a discussão de que a conversão representa não apenas a rebelião contra as formas de sua existência insatisfatória, mas sua sutil rebelião diária (a que ocorre aos poucos e não provoca rupturas imediatas) e suas várias formas de negar a legitimidade dos homens” aquela monumental ambigüidade que reside no sorriso” (1998:133).

O referido autor destaca a Assembléia de Deus como fornecedora de uma forte identidade espiritual, através do discurso de transformação pessoal e de seu reconhecimento

da especificidade espiritual dos “convertidos”. Acreditamos que a posição do autor se deva ao fato de não revelar que a Assembléia de Deus não é homogênea, ela não é monolítica, sendo atravessada por questões sociais como todas as agências sociais. Portanto, está longe de ser o espaço igualitário para resolver questões específicas de fiéis.

Percebemos, por exemplo, que existem diferenciações no comportamento das mulheres da classe média e das classes populares, pois a classe média tendo acesso assegurado de uma parcela de recursos sociais, a formas de inserção, não tem as práticas de solidariedade comuns às comunidades de bairros populares.

Regina Novaes em sua obra “Os Escolhidos de Deus”(1985), já indicava que, no espaço rural por ela estudado, cabia às mulheres não apenas a administração dos elementos necessários á manutenção da casa, mas também certas atividades no campo religioso. Assim, “é a mãe que se vê na obrigação de buscar soluções para problemas domésticos. É a figura feminina que faz promessas mesmo quando é par o marido e os filhos cumprirem” (1985:75).

Irmanando-se com essa perspectiva, Mariz (1997:25) afirma que o “engajamento religioso pode trazer conseqüências não intencionais, motivando atitudes e comportamentos estratégicos por parte do oprimido, resultando muitas vezes em mudanças nas relações com os familiares e com a sociedade mais ampla.”

A questão que fica em aberto é a seguinte: “o que está contido na narrativa evangélica propriamente dita, que é capaz de formar convicções e um ethos social a meio caminho entre os dois modelos, um herdado tradicional-que se apóia num certo status quo- e outro moderno e igualitário-que se sustenta num certo devir cosmopolita?” (Mafra, 1998:226). Adotamos aqui a idéia de que não é possível falar de uma única condição feminina no Brasil, uma vez que existem inúmeras diferenças, não apenas de classe, mas também de regiões, de faixas, de ethos, entre as mulheres brasileiras.

Estudos de gênero já são bastantes numerosos e competentes. O que se pretende é lançar mão de algumas teorias existentes com a finalidade de melhor explorar a hipótese proposta, de que a conversão feminina à Assembléia de Deus faz surgir uma nova identidade, propiciando assim, uma mudança nas relações, tanto no espaço público, como no espaço privado.

Diante disso, é pertinente indagar se o ingresso ao Pentecostalismo propicia a reelaboração da identidade feminina, favorecendo experiências subjetivas que rompem com a rotina do cotidiano. A igreja Assembléia de Deus serve como espaço para negociação, articulação e identidade feminina, ou mesmo local de redimensionamento de modos de encarar a vida? A perspectiva das relações de gênero articula-se com outras identidades que operam na constituição da ação coletiva, tais como classe, etnia, faixa etária.

Ressaltamos aqui que mesmos com a ética rigorosa da Assembléia de Deus, seu conservadorismo e autoridade construídos a partir da presença masculina, está havendo uma migração para o domínio de controle da mulher, onde se percebe um descompasso entre a detenção dos cargos de poder por homens, e o trabalho, na parte mais vital da igreja nas funções operacionais, que estão controladas pelas mulheres, demonstrando certa autonomia feminina.

A (re)definição da identidade feminina das mulheres ao absorverem os elementos contidos no discurso pentecostal da Assembléia de Deus, necessariamente altera seu comportamento tanto no espaço físico quanto na sua aparência e sua visão de mundo.

Levando-se em consideração que as mulheres representam número significativo nos cultos pentecostais, imagina-se: que elementos contidos nesse discurso facilitam tanto essa adesão? E mais, até que ponto o discurso da Assembléia de Deus permite a (re) elaboração de uma identidade feminina, ou mesmo, que elementos religiosos utilizados no discursos pentecostal dessa denominação religiosa são (re)apropriados pelas mulheres para formarem sua identidade e/ou mesmo (re)elaborá-la?

A bem da verdade, o comportamento das mulheres assembleianas (fiéis da Assembléia de Deus), é perceptivelmente diferente de outras que não o são, tanto mais sua atuação na esfera familiar, quicá na social. A partir de então a figura feminina passa a constituir o objeto de reflexão para responder às perguntas anteriores. A questão é explorar se há ou não uma (re)elaboração da identidade da mulher a partir do seu ingresso e conversão ao discurso pentecostal, bem como perceber se há alteração do seu comportamento nas relações familiares.

Vale indicar que definimos a identidade das mulheres privilegiando sua religiosidade, “(...) a identidade social construída no plano religioso se relaciona inevitavelmente com outro sistemas de representações da nossa sociedade, articulando valores no plano moral, social e político” (Birmam, 1984:5).

Pesquisas recentes (cf. Machado, 1996; Novaes, 1998) demonstram o caráter paradoxal da doutrina pentecostal no que diz respeito ao perfil sócio-econômico dos seus membros, cuja presença da classe média nesse espaço religioso tornou-se representativa.

A perspectiva desse texto caminha interessada em tentar responder qual o papel reservado às mulheres no pentecostalismo, para em seguida analisar se a posição social influencia ou não na assimilação do discurso pentecostal. Machado, afirma que o pentecostalismo esta afinado “ com os valores modernos da individualidade e com o reconhecimento da capacidade de escolha das mulheres” (1996, 2000). Portanto, seguindo esse pensamento, Mariz (1997) discorda das análise que “reduzem toda e qualquer religião a um instrumento de dominação e a uma simples fonte de repressão e alienação do já oprimido..” (idem 73). O engajamento religioso pode ter conseqüências não intencionais, motivando atitudes e comportamento estratégicos por parte dos oprimidos, resultando muitas vezes em mudanças nas relações com os familiares e com a comunidade de fé e com a sociedade mais ampla.

Mas há quem discorde dessa perspectiva, Mafra (1998), por exemplo, questiona “porque os evangélicos, tão cuidadosos nas suas práticas proselitistas, repõem um dogma religioso que o conservadorismo nas relações de gênero, e arriscam-se a sustentar uma norma social obsoleta?” (idem:226).

Mesmo sendo divergentes, as opiniões das autoras acima citadas, aplicam-se perfeitamente ao caso da análise da natureza e das formas de funcionamento que o discurso religioso utiliza-se para fecundar a identidade feminina e conseqüentemente para estabelecer as relações de gênero.

Autoras como Machado (1996) tem fundamental importância nessa análise. Ela crê que a “doutrina pentecostal possui um caráter paradoxal, embora reafirme a ordem hierárquica e patriarcal de gêneros, ele abre brechas para redefinições dos papéis e imagens femininas e masculinas, com resultados positivos para as mulheres” (idem:3). Para ela, o pentecostalismo traz ganhos para as mulheres quando as instrumentalizam com maior auto-afirmação, mesmo que isso não ocorra em todos os campos civis, isto constitui uma vantagem social para elas frente às outras desigualdades.

As colocações de Machado têm marcado esse trabalho, especialmente no que diz respeito à positividade que o pentecostalismo dispensa ao auto-reconhecimento social dado às mulheres, pela associação entre religiosidade feminina e a vida familiar; e sobre a mudança de perfil dos fiéis dessa denominação religiosa.

Pois foi a partir de influências dessa abordagem que esse trabalho buscou encontrar elementos empíricos que justificassem sua defesa. As abordagens de questões específicas das mulheres, a análise de suas diferenças, com problematização distinta, direcionam o foco de atenção da abordagem/pesquisa, o que propiciou a incursão de novos elementos de reflexão.

Não podemos esquecer que a História deve problematizar, possibilitar debates, buscar as diferenças e perceber que os fatos, as histórias não estão prontas e fora de uma

realidade. Ao contrário, elas precisam sair de um modelo pronto e acabado e ser analisadas à luz de um tempo e espaço específicos. Longe de querer fazer apologia ao pentecostalismo e mesmo afirmar que a Assembléia de Deus é o veículo do fim da opressão feminina, e mantendo certa reserva em enfrentar discussões com o feminismo, o texto buscou analisar como nos comportamentos tradicionais pode-se encontrar um leque de possibilidades e estratégias.

Assumimos uma outra perspectiva de análise, que não vê mais o pentecostalismo como pura e simples submissão, mas enfatiza o pentecostalismo da Assembléia de Deus de Recife desafia as mulheres a criar/praticar estratégias e exercício de sobrevivência e subversão ao que parece tão “naturalmente” estabelecido nesse contexto pentecostal.

A presença esmagadora de mulheres nas igrejas pentecostais, particularmente no caso explicitado pressupõe que apesar do social e culturalmente esperado, as mulheres continuam vitoriosas frente à complexidade e adversidade das experiências vivenciadas e em curso. Essas mulheres pentecostais que trilham suas múltiplas histórias extramundanas demonstram linguagem e expressões próprias ao seu “estar no mundo”.

Investigar as identidades (construção delas) nas mulheres pentecostais significou analisar as (re)elaborações simbólicas das estruturas materiais que configuram o cotidiano dessas atrizes sociais, (re)elaborações que contribuem na compreensão, reprodução e mesmo resistência ao sistema social. Levando em consideração as particularidades dos processos individuais, pensamos religião enquanto espaço para (re)elaboração dessas identidades, supondo que a mesma se dedica à administração, renovação e reestruturação dessas identidades.

Podemos afirmar, portanto, que a relação existente identidade, religião e gênero continua sendo original e apresenta um papel racionalizador muito importante, na medida que a população necessita tanto de suporte institucional, quanto de suporte emocional. Buscar pertencer na sociedade moderna requer mudanças e adaptações a novos valores simbólicos, nas diversas esferas do cotidiano.

Herdeiras do discurso masculino tradicional, em que as mulheres devem obediência aos seus maridos, companheiros, pais e irmãos, essas mulheres da Assembléia de Deus simbolizam essa máxima de submissão ao incorporarem o discurso bíblico de obediência. No entanto podemos perceber que há realmente uma assimetria dos papéis femininos.

A partir de relatos cotidianos dentro e fora de casa, é que podemos perceber essa assimetria bem como os efeitos dessa reelaboração identitária. Os conflitos, a sexualidade, auto-estima, criação de filhos, dentre outros, são temas que trazem surpreendentes respostas, dependendo do nível sócio-econômico da entrevistada. Pois, apesar da teologia de submissão e igualdade espiritual propagada nos ensinamentos do apóstolo Paulo, as mulheres entrevistadas não reproduzem de forma homogênea o padrão de comportamento esperado e desejado pela denominação religiosa.

Mesmo não rompendo com o modelo patriarcal hierárquico dominante na sociedade brasileira, essas mulheres nos convidam a lançar um novo olhar tanto sobre as relações de gênero, quanto aos efeitos causados pelo pentecostalismo á sociedade em geral.

Referências Bibliográficas

BIRMAM, Patrícia Identidade Social e Homossexualismo no Candomblé. Revista Religião e Sociedade. Vol.12. 01. ISER, agosto de 1985.

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BURDICK, Jonh. Procurando Deus no Brasil: A Igreja Católica progressista no Brasil na arena das religiões urbanas brasileiras. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

BURITY, Joanildo. Identidade e Política no Campo religioso : estudos sobre a cultura, pluralismo e o novo ativismo eclesial. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1997.

_____ Religião, Mercado e Política: tolerância, conformismo e ativismo religioso. Trabalho apresentado na VIII Jornada sobre Alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo, 22 a 25 /09/1998.

CORTEN, André. Os pobres e o espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. (1858-1917). São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GIDDENS, Antony. As consequências da Modernidade. São Paulo: UNESP, 1991.

GOMES, Wilson. Cinco Teses equivocadas sobre novas seitas populares. Cadernos do CEAS, Número 146, Salvador, 1992.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

MACHADO, Maria das Dores. Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar: Campinas/São Paulo: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

MAFRA, Clara. Gênero e Estilo entre os evangélicos. Novo Nascimento: Os evangélicos em casa, na Igreja e na Política. Rio de Janeiro, Mauad, 1998.

MARIZ, Cecília. Alcoolismo, gênero e pentecostalismo. Religião e Sociedade, vol. 16, Rio de Janeiro, ISER, 1994.

MARTELLI, Stefano. A religião na Sociedade Pós-Moderna: entre secularização e dessecularização. São Paulo: Paulinas, 1995.

MARX, Karl. A ideologia Alemã. São Paulo: Hucite, 1996.

NOVAES, Regina. Os Escolhidos de Deus: Pentecostais, Trabalhadores e Cidadania. Marco Zero: São Paulo, 1985.

PACE, Enzo. Religião e Globalização. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

PAZ, Otávio. O labirinto da Solidão. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

SOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. Recife. SOS Corpo., 1989, mimeo.

SILVA, Elizete. Cidadãos de Outra Pátria.: Anglicanos e Batistas na Bahia. Tese de Doutorado. FFLCH/USP, 1998.

WEBER, Max. A Ética Protestante. E o Espírito do Capitalismo. Lisboa: Presença, 1960.

VELHO, Otávio. O que a Religião pode fazer pelas Ciências Sociais? Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, 1998, número 19.

* UNEB-Universidade do Estado da Bahia/Mestra em Sociologia.